

## As personagens femininas em *Fogo Morto*, de José Lins do Rego

### Female characters in *Fogo Morto*, by José Lins do Rego

Olívia Aparecida Silva <sup>1</sup>

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** Em um mundo de grandeza e decadência, José Lins do Rego recria ficcionalmente o universo dos engenhos nordestinos, em *Fogo Morto*. Nesse espaço transitam mulheres fortes e frágeis, submissas ao poder patriarcal. Contaminadas pelo espírito de decadência e cerceadas de seus direitos, algumas personagens buscam refúgio no mundo da loucura, ou do silêncio. São vidas mutiladas de seus desejos, prevalecendo à ordem masculina. Toda a narrativa transita em uma esfera de loucura e melancolia. A maioria de suas personagens tanto femininas quanto masculinas vive no limite da razão e da desrazão. Apenas sinhá Adriana consegue transitar de forma livre devido ao seu ofício de castradora de galinhas, obtendo o necessário para sobreviver. Capitão Vitorino, seu marido, é a única figura que apesar de sua loucura surge como opção de representante da justiça social. É um mundo de caos psicológico e social que afeta principalmente as mulheres.

**Palavras-Chave:** Literatura Brasileira; Personagens Femininas; Loucura.

**Abstract:** In a world of greatness and decadence, José Lins do Rego fictionally recreates the universe of Northeastern mills, in *Fogo Morto*. In this domain, strong and fragile women, submitted to patriarchal power, are depicted in the novel. Contaminated by the idea of decadence and surrounded by their rights, some characters seek for refugee in a world of madness or silence. They have lives mutilated by their desire, which are submitted to the male order. Most of male and female characters live in the limit of reason and unreason. Only Sinhá Adriana can live in a free manner due to her work as castrator of chicken, obtaining thus her living. Captain Vitorino, her husband, is the only figure that, despite his madness, emerges as the only possibility as a representative of social justice. It is a world of psychological and social chaos that affects mainly women.

**Key-Words:** Brazilian Literature; Female Characters; Madness

**Submetido em 15 de julho de 2016.**

**Aprovado em 26 de agosto de 2016.**

*É freqüente a loucura ter ditos mais felizes do que o bom senso e a razão.*

**Hamlet**, Shakespeare.

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Mestrado em Letras, da Universidade Federal do Tocantins/ Câmpus de Porto Nacional, Doutora em Literatura Brasileira. e-mail: olivia@mail.uft.edu.br.

## Introdução

O texto trata de uma discussão sobre as personagens femininas e o universo da loucura presentes na obra *Fogo Morto*, de José Lins do Rego. Entre a multiplicidade de temas presentes nessa obra, a loucura se sobressai, como algo que atinge a homens e mulheres, mas por razões distintas. Enquanto as personagens masculinas sentem-se pressionadas pelo mundo das aparências, pelo poder que escorrem entre os dedos, as personagens femininas sofrem pelo desejo não realizado, presas em mundos controlados pelo poder patriarcal.

Contemplando um tempo que se define em fins do século XIX e início do século XX, José Lins do Rego articula o entrelaçamento de diversas problemáticas vivenciadas pelo Nordeste brasileiro, começando pela decadência dos engenhos que representavam poder, dignidade, a voz e mando dos “coronéis”. Percebemos que são tênues os limites entre a sua ficção e a realidade: a chegada da modernidade no meio rural e o processo industrializador; a inadaptação do bacharel ao meio rural, sem preparo e vocação para lidar com o mundo iletrado da várzea paraibana; a inconformidade do artesão sem prestígio, devido à produção em série das fábricas; a interferência e poder político dos “coronéis”. Representando, ainda, com força narrativa, através de uma linguagem lírica, o cangaço, como uma forma de reparar as injustiças sociais um mundo de rústicos homens que procuram fazer justiça social e impor a ordem, através da desordem. Entremeio ao emaranhado de situações, a loucura torna-se uma temática que envolve as personagens principais e algumas secundárias, sendo elas as femininas. A fragilidade humana não resiste aos acontecimentos que não se coadunam com seus ideais de grandeza, seja na esfera hierárquica dos coronéis, seja na esfera de um artesão, seja no mundo feminino enredado de limitações. A loucura apresenta-se como um sintoma de não adaptação do sujeito à sua realidade. A sua insatisfação pessoal tem como resultado um estado psicológico que foge ao estabelecido, reconhecido pelas ações que destoam do que se define como padrões de normalidade e razão.

As personagens masculinas marcadas pelo discurso da loucura são: José Amaro, Seu Lula, Capitão Vitorino. Elas não aceitam a nova condição social e passam a viver em mundos próprios. A essa forma de comportamento, que foge ao que denomina normalidade, nomearemos de loucura. As personagens femininas são: Olívia, Marta e Neném. Cada qual tem dilemas distintos que as tornam recolhidas ao espaço íntimo. A

única que evidência um discurso que parece fugir da normalidade é Olívia, as demais vivem no silenciamento e alheamento do mundo.

É sobre elas que trataremos no decorrer da discussão. Para compreender a manifestação de um comportamento que não se ajusta aos padrões concebidos, analisaremos suas ações e seus discursos ou suas recusas em expressarem-se discursivamente.

### **1. Um mundo em transformações**

A ficção de José Lins do Rego é um olhar sobre a vida, registrando flagrantes em sua natureza plena. O social, em algumas das suas diversas faces, está nela representado. O homem está inserido nesse universo ficcional, incorporando valores que traduzem um momento de transição, com mudanças socioeconômicas e políticas. A ficção e a realidade se misturam. Segundo o próprio José Lins, nada “me arreda de ligar a arte à realidade e de arrancar das entranhas da terra a seiva de meus romances ou de minhas idéias”(1987). Nas obras denominadas “Ciclo da Cana-de-açúcar”, ele recorta verticalmente um tempo e um espaço e, servindo-se das palavras que fluem com o sabor da oralidade, leva o leitor ao mundo dos senhores de engenhos nordestinos. Reconstitui, ficcionalmente, a época em que se sobressai à figura desses senhores de engenhos, donos de grandes extensões de terras, cultivadas pela força do trabalho escravo. A economia é basicamente agrária, voltada para a monocultura da cana-de-açúcar. Daí ter ficado conhecida como economia açucareira do Nordeste, contrastando com a cafeeira do Sul do país. A estratificação social está representada, sobretudo, pela aristocracia rural e pelos escravos. Os políticos, comerciantes, artesões, entre outros, terão um papel relevante, à medida que, gradativamente, vai sendo modificada a composição social da época. A aristocracia rural detém o poder político e econômico. O senhor de engenho é o grande patriarca que governa os destinos da família e dos escravos que vivem sob sua ordem e proteção.

As mulheres vivem nesse mundo, sem direito a se manifestarem, suas vozes são silenciadas. Nem são mencionadas, ficam à mercê, como os escravos, dos desígnios estabelecidos pelo pai, irmão, avô e, depois de contrair matrimônio, do marido, de acordo com a conveniência determinada por eles.

*Fogo Morto*, em um primeiro momento, mostra-nos a opulência dos engenhos e seus senhores, ainda em ascendência econômica e política; em seguida, observaremos a

decadência progressiva, anunciando o processo de transição econômico-social. Os engenhos que antes engrandeciam a paisagem do Nordeste, pela ostentação de grandeza e brilho, oferecem agora um quadro de solidão e melancolia. Seu espaço é ocupado pela usina que passa a exercer o papel de agente de transformação econômica, implantando a indústria açucareira e seu processo modernizante.

Esse contexto social assinala a crise e perda da hegemonia do patriarcado rural. A sociedade brasileira, até então de estrutura rural, passa a se constituir de uma estrutura urbana e burguesa, penetrada por novos valores e assumindo uma nova fisionomia.

José Lins do Rego faz então uma articulação dessa realidade com a literatura e estrutura uma obra que tem como objeto o drama do homem em conflito com o meio ambiente, os costumes, os fatos econômicos e sociais.

No momento de opulência do Engenho de Santa Fé, surgem três mulheres ligadas ao desbravador Capitão Tomás Cabral: Dona Mariquinha, mulher de calibre que ao lado do marido transformava o Santa Fé em um engenho produtivo. Ela é descrita como uma mulher “cansada, de pele encardida do sol, de mãos grossas dos trabalhos da cozinha, de debulhar milho para negro, de cortar bacalhau” (1987, p.597); Amélia, filha do Capitão Tomás, moça prendada que fora enviada para estudar no colégio das freiras no Recife. Falava francês, bordava com mãos de anjo e tocava piano; Olívia, a filha mais nova, também fora enviada para estudar no Recife, aos 17 anos, adoecera com gravidade. Capitão Tomás fora avisado por um correspondente que “falava em Tamarineira”<sup>2</sup>. Após saber da doença da filha, Capitão Tomás fora visitá-la e conversar com o médico que lhe falou em cura difícil. Assim, Olívia é a primeira personagem feminina a sair do mundo da razão e entrar no mundo sem volta da loucura. Subentende-se que não suportara o rigor do colégio interno de freiras, sua natureza era diferente. Enquanto Amélia que conseguira voltar letrada e cheia de dotes próprios das mulheres urbanas ela entra em colapso psicológico e perde para sempre a possibilidade de uma vida concebida dentro dos padrões de normalidade.

A segunda personagem feminina a não suportar os desafios impostos pela sociedade patriarcal e conservadora é Marta, filha de José Amaro. Em idade para se casar, sem, no entanto, encontrar pretendente, sofre com as chacotas dos vizinhos e as

---

<sup>2</sup> É um dos primeiros hospitais psiquiátricos do Brasil, inaugurado em 1883, localizado em um dos bairros de Recife que tem o mesmo nome. José Lins do Rego, em *Fogo Morto*, faz referência a ele quando se trata da loucura de Olívia e de Marta. As duas, segundo a narrativa, são levadas para se tratarem no Tamarineira.

grosserias do pai. Após ser violentamente espancada por ele, perde, de forma irremediável, a lucidez e também é encaminhada para o hospital psiquiátrico no Recife, o Tamarineira.

As diferenças existentes entre Marta e Olivia são contextos temporais e classes sociais diferenciadas: Marta vive no tempo da decadência dos engenhos e o declínio da profissão de artesão que José Amaro tinha tanto orgulho e o colocava numa posição diferenciada de um “camumbembe”, pessoa sem prestígio social; Olivia, filha de dono de engenho, convive em duas épocas distintas, a da opulência e da decadência do Santa Fé.

Observa-se que esse cenário de transformações representado em *Fogo Morto* é o mesmo do país, dividido, em processo agônico, entre a herança agrária e o início da ascensão burguesa. A loucura em decorrência da inadaptação do sujeito ao meio, sobretudo observável nas personagens masculinas, é uma forma de refletir o dilaceramento humano nesse processo de transição. O desmoronamento de um mundo sólido de orgulho, da inquestionável autoridade e poder dos senhores de engenhos cedendo lugar para outros senhores, não mais das patentes de Coronel ou Capitão, mas do moderno domínio das máquinas. A industrialização instala-se na várzea paraibana e caberá ao Mestre Amaro ter como ofício o conserto de selas produzidas em série pelas fábricas. O seu ofício de artífice perde espaço e valor e sua insatisfação culminará nas grosserias direcionadas às mulheres a ele ligadas: a Velha Sinhá, como é denominada, e Marta. Não suportando, Velha Sinhá vai embora cuidar de Marta que enlouquece e é levada para o Recife e internada no Tamarineira. Sozinho e sem prestígio prefere atentar contra sua própria vida, suicida-se.

Seu Lula, bacharel em Direito, não tem afinidades com a terra, leva à falência o Santa Fé, arrogante e destemperado, não permite o casamento de sua única filha, Neném, com um homem sem tradição familiar. Mesmo contrariando seu desejo amoroso, cede à pressão paterna, mas cai em um profundo isolamento e silenciamento, mostra-se morta em vida, nada a faz sair do seu ensimesmamento. Enquanto o pai volta-se para as rezas intermináveis, intercaladas pelas crises convulsivas, e, também, se fecha em um mundo próprio. O Santa Fé torna-se cada vez mais decadente e melancólico, apenas a voz de Olivia, enlouquecida, é ouvida, sempre repetindo palavras que parecem não ter nexos, será? “\_\_ Cala a boca, meu pai. Eu estou costurando a tua mortalha, velho” (REGO, 1987, p. 636)

*Fogo Morto* está dividido em três partes, distintas, mas entrelaçadas entre si, cada qual tem como título o nome das personagens centrais: O Mestre José Amaro; O Engenho de Seu Lula; e O Capitão Vitorino. No último capítulo o círculo da loucura se fecha e o personagem central mostra-se diferente dos demais; ele tem uma loucura visionária e quixotesca. Durante a narrativa, ele é introduzido nas cenas em situação de uma pessoa desvinculada da realidade, vivendo em um mundo particular, não é levado a sério nem pelas crianças, tampouco pelos adultos, mas sua figura vai tomando contornos de defensor inabalável dos necessitados e dos injustiçados. Branco, empobrecido, é primo do Coronel José Paulino, homem forte na política e de poder local. Assim, de certa forma, o respeitam levando em conta sua origem. Ao final da narrativa, ele conquista o respeito de todos. Sua figura visionária não se altera o que muda é o olhar e a crença do outro em relação a ele e suas façanhas em favor dos menos favorecidos.

## **2. A loucura e suas nuances**

Várias são as personagens criadas por José Lins do Rego, ao longo de sua obra, que padecem da loucura: uns transitam livremente entre razão e desrazão, ora agindo conforme os padrões da normalidade, ora transgredindo valores, destoando das regras estabelecidas pela sociedade. Algumas, no entanto, permanecem no desvario, ou no alheamento, sem retornar, em nenhum momento a razão. Sobreira, entre os poucos críticos que analisam a narrativa de José Lins e aponta o tema da loucura, observa, oportunamente, que isso é uma obsessão em sua obra. (1977, p. 182)

Podemos distinguir em seu texto narrativo, as diversas faces da loucura: desde o louco meio místico do sertão amarrado em cordas e conduzido à cidade para ser “tratado” em asilo, àquele que tem sua vivência e circulação garantidas no convívio familiar. São loucuras vistas como um processo natural, no entanto, particular, em alguns indivíduos. São especiais, mas fazem parte da natureza humana. Encontramos, também, o indivíduo que recebe influência do mundo urbano, do seu espírito moderno e sua insatisfação inerente; ainda um grupo complexo de mulheres que vão das histéricas, em consequência de uma repressão familiar, família esta centrada na figura do patriarca, às de loucura obsessiva e até mítica, com poderes maniqueístas; há ainda os beatos – como o Santo de *Pedra Bonita*. Cada qual tem seu traço próprio. São muitos, como diz

Erasmus de Roterdão: “são tão abundantes as formas de estultícias, nascem tantas todos os dias, que nem mil Demócritos bastariam para se rirem delas.” (1964, p. 87)

No geral, são seres revestidos da inquietação que implica rebuscamento de uma profundidade questionadora, provocada pela condição de isolamento e solidão, em função do seu estar no momento histórico social. Os discursos dessas personagens são aguçados pela condição interna, em conflito com um externo não reconhecido. Não se adaptam ao meio em que vivem.

Antonio Candido comenta que:

José Lins do Rego tem a vocação das situações anormais e das personagens em desorganização. Os seres são sempre indivíduos colocados numa linha perigosa, em equilíbrio instável entre o que foram e o que não serão mais, angustiados por essa condição de desequilíbrio que cria tensões dramáticas, ambientes densamente carregados de tragédia, atmosfera opressiva, em que o irremediável anda solto. Os seus heróis são de decadência e de transição, tipos desorganizados pelo choque entre um passado divorciado do futuro. (1991, p. 395)

Essa desarmonia vai refletir-se no comportamento desses seres tornando-os diferenciados dos demais. São indivíduos que perdem a referência da realidade, instituída como norma de conduta social e criam outra, uma realidade própria. Nesse enfrentamento o sujeito fica marginalizado, deslocado no contexto social, ou até mesmo excluído dele, como afirma Foucault:

(não existe cultura que não seja sensível na conduta e na linguagem dos homens. Há certos fenômenos com relação aos quais a sociedade toma uma atitude particular: estes homens não são considerados nem completamente como doentes, nem completamente com criminosos, nem feiticeiros, nem inteiramente como pessoas normais. Há neles algo que fala da diferença e chama a diferenciação. (1991, p. 87)

O sujeito torna-se um estranho no seu meio, favorecendo a um estado permanente de recolhimento do ser, e, em consequência, a um isolamento quase completo. São assim as personagens de Lins do Rego: humanas, complexas, vivendo tumultuadas pelo dilema do ser, do estar no mundo. E o que vem a ser esse desvario? O que vem a ser a loucura?

Não há uma definição conceitual sobre a loucura, existe, no entanto, algumas considerações que procuram pontuar aspectos que possam diagnosticar como uma doença. Encontraremos referências à loucura nos *Provérbios* 16,17: “Todo o prudente procede com conhecimento, mas o insensato espria a loucura.” (1993, p. 646) O

sentido compreendido por loucura está ligado à insensatez, mas há outros se referindo à loucura como uma desordem do espírito, uma confusão que tira o homem da normalidade e da pacificidade do lar. Ainda, na Bíblia podemos encontrar referências à loucura comparada à mulher, de forma preconceituosa: “A loucura é mulher apaixonada, é ignorante e não sabe coisa alguma” (1993, p. 642).

Encontraremos outras referências à loucura no âmbito da literatura e da filosofia. Segundo Foucault, no século XV a loucura apresenta-se com aparência de sátira moral (1971, 25). Nesse período, surgem obras que marcam profundamente, como *Elogio da Loucura*, de Erasmo de Roterdão e *Stultifera Navis*, de Brant.

Não poderíamos deixar de fazer referência à obra machadiana que em *O Alienista* apresenta a loucura com características mais modernas e em perspectiva naturalista: ela é uma doença mental representada enquanto objeto de estudo. Em *Quincas Borba*, através do personagem Rubião, a visão de loucura está vinculada a não realização do desejo humano. É a exclusão do sujeito no mundo por ele desejado. A loucura é resultado do choque entre a vontade e a realidade.

### 3. As personagens femininas e a loucura

Apresentada a loucura em discursos diversos, voltemos ao tema na obra de José Lins do Rego, em *Fogo Morto*, mais especificamente às personagens femininas. Observaremos como elas se apresentam em relação à loucura, mesmo que suas falas sejam minimamente apresentadas.

Marta é uma personagem que tomamos conhecimento de sua existência através do Mestre José Amaro, seu pai; um homem dividido, atormentado, crítico, em circunstâncias adversas ao meio. Verifica-se uma não integração do sujeito ao local a que pertence. A cada dia sua intolerância é mais evidente e estende-se aos seus familiares: a mulher Sinhá e a filha Marta. “Tinha aquela filha triste; aquela Sinhá de língua solta. (...) Já ia perto da casa. Lá encontraria a mulher e a filha, toda a desgraça de sua vida” (REGO, p. 423- 424)

São estas as primeiras referências que temos da família do Mestre José Amaro, de sua mulher e de sua filha, e o desgosto por tê-las junto a si. É inconformado por ser “seleiro de beira-de-estrada” e “estava trabalhando para camumbembes” era o que mais lhe fazia mal, pois tinha ofício de prestígio, seu pai fizera sela para o Imperador. Assim, toda a insatisfação voltava-se tanto para as questões ligadas ao exterior quanto para o

interior de sua casa. Sofria, pois acreditava que Sinhá aceitara casar-se com ele, pois estava ficando velha e o casamento ainda não chegara; Marta tinha alguma coisa nela que era contra ele. Perguntava-se o porquê de sua filha não ter se casado. Sua falta de vigor com a vida incomoda-o. Chorava à toa e já era mulher. Poderia ter tido um filho e não uma filha.

É através do olhar de José Amaro e de suas reflexões que sabemos sobre Marta. A cada dia o Mestre José Amaro era mais intolerante, sua figura é sombria, áspera, destila seu ódio com palavras cortantes, incisivas e seus olhos não escondem o que sente. É nesse âmbito familiar que Marta vive. Sofrendo com o efeito da mudança de humor de seu pai cujo discurso é machista e autoritário, resta-lhe chorar e cantar ladainhas.

- Pára com isto menina! Pára com isto. Não quero ouvir latomia de igreja na minha casa.
- (...)
- É o que sabe dizer esta vaca velha. E levantando a voz num grito: - Pára isto. Não quero ouvir latomia de igreja. Na minha casa manda o galo.
- (...)
- Sinhá, bota este jantar, faz alguma coisa, mulher dos diabos. (REGO, 1987 p. 482-487)

O descontrole emocional provocado, sobretudo, pelo conflito entre ele e o Seu Lula, vai mudando o comportamento de José Amaro. Torna-se mais agressivo, sua fisionomia se altera, o que leva as pessoas a comentarem, comparando-o a figura lendária e mística do lobisomem quando foi visto andando sozinho no meio da noite, iluminado apenas pela luz da lua. Esse comportamento se reflete dentro de casa, proporcionando situações de conflitos entre ele Sinhá e Marta. Mostrando-se com temperamento alterado, Marta apresenta crises que poderiam ser nomeadas de loucura. Por intermédio do pensamento de José Amaro, relatado pelo narrador, sabemos que Marta ri, chora, grita, “batia nas paredes como uma fera”. Em apenas dois momentos, durante toda a narrativa, temos conhecimento de sua fala em discurso direto. Sua voz apresenta-se em estado de delírio, pontuada pela insensatez.

- Miseráveis, pensa que mijam em cima de mim?
- O mestre chegou para ver o que era. Quase não podia falar.
- O que tens, menina?
- Menina, menina, menina eu sou menina, menina e menina, onde está a menina?
- E correu para fora de casa. A velha Sinhá abraçou-se com ela que dava risadas, que gritava cada vez mais. (...) e o mestre José Amaro com um pedaço de sola na mão, chegou para perto da filha e começou a sová-la sem piedade. Gritava a velha Sinhá:
- Pára, homem de Deus (..)
- Deixe mulher, que eu mato esta ira . (REGO, 1987, p. 565)

Sem uma lógica aparente, sua fala parece dirigir-se a todos os homens e a si mesma, se automeando de menina, pois nunca cresceu, tornou-se mulher sem passar pela infância, devido a um pai castrador de seus desejos, autoritário, grosseiro. Também era a forma como era chamada pelo pai, de “Menina”. Através de sua mãe, Sinhá, é possível acrescentar algumas informações sobre Marta:

A Velha Sinhá não sabia mesmo o que se passava com o seu marido. Fora ele sempre de muito gênio, de palavras duras, de poucos agrados, Agora, porém, mudara de maneira esquisita. Via-o vociferar, crescer a voz para tudo, até para os bichos, até para as árvores. (...) Pobre da Marta que o pai não podia ver que não viesse com palavras de magoar até pedras. Por ela não, que era um resto de gente só esperando a hora da morte. Mas não podia se conformar com a sorte de sua filha. O que teria ela de menos que as outras? Não era uma moça feia, não era uma moça de fazer vergonha. E no entanto nunca apareceu rapaz algum que se engraçasse dela. Era triste, lá isto era. Desde pequena via aquela menina quieta para um canto e pensava que aquilo fosse até vantagem. A sua comadre Adriana lhe chamava a atenção:

- Comadre, esta menina precisa ter mais vida.

Não fazia questão. Moça era para viver dentro de casa, dar-se a respeito. E Marta foi crescendo e não mudou de gênio. (REGO, 1987, p. 514)

Através da onisciência do narrador, temos conhecimento das reflexões da Velha Sinhá sobre Marta, sua filha, e o que pensa em relação ao tratamento que o Mestre José Amaro dispensava à filha. Ele havia mudado de forma “esquisita”, endurecendo ainda mais com o passar dos dias. É uma longa análise íntima sobre a questão familiar. São preocupações não compartilhadas nem com a Comadre Adriana, esposa do Capitão Vitorino, e a única mulher que tem livre trânsito na comunidade, devido o seu ofício de castrar frangos e que às vezes a visita. A Velha Sinhá e o mestre José Amaro são padrinhos de Luís, filho de Adriana, que morava fora, trabalhando na Marinha.

Sinhá não estranhava o comportamento da filha e o seu jeito quieto e silencioso, mesmo tendo sido alertada pela comadre. Tinha a sua forma de ver a vida, acreditava que moça quieta evitava falatório e se dava ao respeito. Criara Marta como deveria ser, para o casamento. O fato dela nunca ter sido pedida em casamento a deixava preocupada. Observa a filham e considera seus atributos físicos, percebe que ela tem porte, mas não chegava a ser bonita, nem feia. Sinhá, como toda mulher de sua época, representada ou não pela literatura, fora criada para ser abnegada: casar, ter filhos, cuidar do outro, sem se importar consigo. Ainda sobre Marta, Sinhá pensa:

Botara na escola do Pilar, aprendeu a ler, tinha um bom talhe de letra, sabia fazer o seu bordado, tirar o seu molde, coser um vestido. E não havia rapaz que parasse para

puxar uma conversa. Havia moças mais feias, mais sem jeito, casadas desde que se puseram em ponto de casamento. Estava com mais de trinta e agora aparecera-lhe aquele nervoso uma vontade desesperada de chorar que lhe metia medo. Coitada da filha e depois ainda por cima o pai nem podia olhar para ela. Vinha com gritos, com despropósitos, com implicâncias. O que sucederia à sua filha, por que Deus não lhe dera uma sina mais branda? (REGO, 1987 p. 515)

Mesmo tendo sido preparada para casar, ter “dotes”: saber ler, bordar, coser, ter uma boa aparência, requisitos considerados necessários para as moças casadoiras, não foram suficientes para que Marta contraísse o matrimônio. Com mais de trinta anos não seria mais possível encontrar pretendente. O que mais preocupava a Sinhá era o futuro de Marta devido à forma como seu pai, mestre José Amaro, a tratava. Ele acreditava que os castigos corporais poderiam curá-la. A última vez que ele recorreu ao espancamento, compreendeu que era tudo inútil e que ela estava com a lucidez perdida para sempre. É a primeira vez, durante a narrativa, que sua personagem surge humanizada, dramaticamente sofrida, sensível e expressando um afeto pela filha nunca antes demonstrado: “Ele não podia falar. Só tinha os olhos para exprimirem a dor profunda. Por fim, num esforço medonho: - Sinhá, ela está doida.” (REGO, 1987, p. 567 )

Depois desse episódio, Marta entra definitivamente para o mundo da loucura, Sinhá resolve levá-la para o Tamarineira e nunca mais voltar para a companhia do marido. Tal atitude agrava ainda mais o estado de saúde física e mental do mestre José Amaro que culmina com o seu suicídio.

Nesse mundo ficcional, as personagens centrais são predominantemente masculinas e dominam as cenas narrativas. São homens de temperamentos fortes, mas frágeis psicologicamente e têm acesso ao discurso direto. No entanto, as personagens femininas, secundárias na trama, quase nunca é permitido expressarem-se através do discurso direto, sempre o narrador onisciente revela seus pensamentos e suas falas. Olívia é a personagem feminina que tem participação na narrativa recorrendo ao discurso direto, mesmo que se expresse mais de forma simbólica do que referencial.

Olívia, aos dezessete anos, ainda adolescente, foi enviada para o colégio interno de freiras, no Recife. Filha do Capitão Tomás, homem de posicionamento rígido, ao que tudo indica, não suporta o regime fechado. Avisado do estado frágil de saúde da filha e, depois de tentar sua cura sem sucesso, a traz de volta ao Santa Fé. Tomado pela dor, pelo desgosto de ver a insanidade da filha, Capitão Tomás torna-se um homem sem saúde e em completo alheamento, culminando com sua morte. Assim, podemos compreender que as personagens de *Fogo Morto* padecem, quando se encontram diante

de uma situação limite, entram em estado de sandice ou em recolhimento íntimo, tomando distanciamento da realidade que os cerca.

Segundo Coutinho, o tempo para Olívia é como se tivesse parado. Suas palavras referem-se à outra época. “Para ela na sua paradoxal lucidez do louco, a escravidão não acabara”. (1991, p. 421): “- Negra safada, traz água para lavar os meus pés. Vem negra preguiçosa.”- Ó Dorotéia, ó Dorotéia, vem me catar, Dorotéia.” “- Oh, Madalena, traz água para lavar os meus pés.” (REGO, 1987 p. 688 -648- 702)

Marta e Olívia expressam o escárnio que sentem, através da loucura. Ora Olívia imprime em suas falas um ódio incontido: “- Cala a boca, meu pai. Estou costurando a tua mortalha, velho.” (REGO, 1987, p. 636); ora torna-se suave e entoia uma canção de ninar: “- Serra, serra, serrador, serra a madeira de Nosso Senhor.” (REGO, 1987, p. 637).

Ainda nesse universo feminino, Neném, filha do Seu Lula e Amélia, recolhe-se ao quarto e ao seu silêncio, após o pai impedir seu casamento com um pretendente sem hierarquia familiar. Segundo Seu Lula: “preferia ver sua filha estendida num caixão a se casar com um tipo à-toa, sem família.” (REGO, 1987 p.637). O pretendente de Neném, apesar de bom moço e formado, não possuía recursos e nem tradição familiar, seu pai era alfaiate e o “orgulho de Lula era uma doença que nem a devoção curaria” (REGO, 1987, p. 649).

Obedecendo a autoridade paterna, Neném não se casa, mas sua vida parece ter perdido o sentido. Entre choros convulsionados e silêncios, fecha-se para a vida. Torna-se como o mundo que a cerca, sombria e melancólica.

### **Considerações Finais**

*Fogo Morto* é a obra-prima de José Lins do Rego e com ela o autor finaliza, na década de 40, o chamado Ciclo da cana-de-açúcar. É uma obra que procura representar um mundo em movimento e percebe-se uma sensível agudeza na reflexão do homem enquanto ser que possui consciência de sua posição dentro do sistema social e do papel que representa. Apresenta indagações que penetra nos conflitos existenciais, questionando costumes, leis, moral e o poder econômico.

A narrativa, inicialmente, apresenta a simplicidade da vida no meio rural e nas pequenas atitudes disfarça o que o leitor encontrará no decorrer da trama e a sua densidade dramática. Com a intromissão discreta do narrador onisciente, as falas das

personagens vão sobressaindo e revelando, recorrendo ao uso do flashback para recuperar a linha do tempo, um mundo de tensões e descontentamento. A negatividade será atenuada pela leveza da sua tessitura e pela ilusão da vida que palpita e segue seu curso natural, com mudanças próprias de um tempo que não para. Coisas de uma vida, a chegada da colheita da cana-de-açúcar, os engenhos produzindo, a floração dos flamboyants, narradas em uma linguagem lírica, com expressões coloquiais e regionais.

Percebe-se que a intenção de José Lins do Rego, através de *Fogo Morto*, é possibilitar um adeus eternizado dos mundos dos engenhos, iniciado em *Menino de Engenho* com seus aristocratas, seus cangaceiros, homens vindo da feira da pequena cidade do Pilar, e adentrando o sertão com seus carregamentos, para serem comercializados pelas estradas ainda percorridas por carros de bois, até o descortinar de um momento social modernizador e a presença da máquina a vapor no meio rural.

É nesse mundo de cores, cheiros e profundamente humano que surgem homens e mulheres que apresentam condutas que se opõem aos critérios da normalidade definida pela sociedade. É uma loucura dramática, obsessiva, que mostra os distúrbios da personalidade. O impacto de uma realidade que fere frontalmente seus desejos provoca a desorganização mental. O comportamento do sujeito passa a oscilar entre dois mundos: o da realidade social; e o da realidade individual. No caso das personagens femininas, Marta e Olivia, inicialmente elas oscilam entre um mundo e outro, mas depois se perdem definitivamente para o mundo da loucura, como uma forma de alcançarem a liberdade em um mundo predominantemente patriarcal, opressor, e expressamente machista e grosseiro.

Neném recolhe-se, apresenta um comportamento de alheamento como uma forma de se defender da imposição paterna. Está e não está, pertence e não pertence ao mundo que se desmorona a sua volta. A loucura e a doença de seu pai, Seu Lula, provocam-lhe prantos incontidos, mas não há palavras. A decadência do Santa Fé é a derrocada de um mundo construído com a força do Capitão Tomás. Amélia é a única que permanece lúcida para cuidar do que ficou de dignidade.

Na família de José Amaro nada restou, apenas os vestígios deixados pelos anos a fio vividos, no quintal, as galinhas, os porcos, as plantas. Sinhá levou Marta para o Tamarineira e não voltará nunca mais. A vida de Mestre José Amaro não tem mais sentido e tomado pela insensatez, suicida-se.

Esse mundo rústico da várzea paraibana, melancólico e decadente, tem ainda um ser visionário, o Capitão Vitorino que, com sua loucura quixotesca, acredita que salvará da injustiça toda uma população de pessoas carentes. O único entre tantos loucos que acredita que ainda é possível mudar esse mundo que está ruindo aos seus pés, o mundo dos engenhos e seus senhores. A sua loucura “tem ditos mais felizes do que o bom senso e a razão”.

## Referências

BÍBLIA- Português- *A Bíblia Sagrada*/ Trad. João Ferviro de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. Ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BRANT, Sebastian. *A nau dos insenstatos*. São Paulo: Octavo, 2010.

CÂNDIDO, Antonio. In: COUTINHO, Eduardo F. e CASTRO, Ângela Bezerra de. (Seleção de Textos) *José Lins do Rego*. João Pessoa: Civilização Brasileira/ Edições Funesc, 1991.

FOUCAULT, Michel. *Doença mental e Psicologia*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

REGO, José Lins. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1987. V. I e II

ROTerdão, Erasmo. *Elogio da Loucura*. Trad. Álvaro Ribeiro, 3. ed. Lisboa: Guimarães Editora, 1964.

SOBREIRA, Ivan Bichara. *O romance de José Lins do Rego*. João Pessoa: Universitária UFPB, 1977.